

A CIÊNCIA, A CIÊNCIA CIDADÃ E O COMPROMISSO DO PESQUISADOR

Cláudio Nei Nascimento da Silva
Editor

No livro “A ciência desde a Babilônia”, Price (1976) defendeu haver certa especificidade nos rumos que marcaram nossa civilização científica ocidental. Para ele, a hipótese mais provável era que, “só na herança por nós recebida se continha um elemento estranho, raro e peculiar” (p. 20), levando ao que hoje se encontra bastante proliferado e naturalizado em nossas vidas: a mediação da vida social e individual pela ciência. Todavia, Price jamais poderia imaginar que, no início da segunda década do Século XXI, movimentos reacionários e de contornos obscurantistas começariam a ganhar centralidade no debate público ao redor do mundo, particularmente impulsionados pela virtualização dos processos de interação social. Esse movimento, como já denunciou Umberto Eco durante uma cerimônia em que recebeu o título de doutor *honoris causa* em comunicação e cultura, no dia 10 de junho de 2015, tem servido para dar voz a uma “legião de imbecis”.

Uma das características essenciais da ciência é a distinção entre sua linguagem e aquela utilizada no cotidiano social. Se por um lado, essa distinção dá precisão aos resultados de trabalhos de diferentes escopos, por outro, deixa esse conteúdo cada vez mais distante do público leigo. Com uma alfabetização científica básica pouco robusta, que lhe permita não só compreender a informação normalmente veiculada por variadas mídias (imprensa, redes sociais, Internet), como também estabelecer relação com uma base mínima de referência para orientar suas ações, o cidadão comum acaba por se deixar levar pelas ondas que impulsionam e movimentam inverdades, visões dogmáticas e, para me valer de um termo atual, *fake news*. Convém, então, recorrer ao inglês John Ziman, que muito se ocupou de pensar a natureza do conhecimento científico, para nos dar conta de que este último é “gerado e validado por uma comunidade científica, que está tão distante quanto possível de uma amostra aleatória da humanidade sem retoques” (ZIMAN, 1996, p. 169). Esse relativo distanciamento marcador da relação da ciência com a sociedade não pode ser enfrentado com uma espécie de vulgarização absoluta da ciência, convertendo a linguagem científica em peças de propagandas governamentais, mercadológicas ou midiáticas. É fundamental preservar e estimular a autonomia da ciência em relação às forças que tentam fazer uso político dela, isto é, convertê-la em instrumento de seus interesses, tentando banalizar sua linguagem e seus propósitos. A autonomia da ciência é o atributo que melhor confere legitimidade à sua ação, mas o pesquisador, por sua vez, não pode pensar ser

esta autonomia garantia de independência e de neutralidade em relação a temas sociais e políticos. O apontamento de Bourdieu (1997), segundo o qual o papel do cientista social é desenvolver uma estratégia científica de distinção social e não de classificação, pode valer para todos os cientistas, já que se pauta no princípio da objetividade, sem se furtar ao compromisso político, pois este princípio busca elucidar “a estrutura da distribuição das formas de poder ou das espécies de capital eficientes em um universo social considerado” (p. 48-49).

Como resposta à necessidade de aproximação entre a ciência e a sociedade, uma perspectiva possível de ser validada em diferentes áreas é a da *ciência cidadã* que, conforme esclarecem Soares e Santos (2011), são “projetos com finalidades científicas que usam não cientistas como voluntários” (p. 41). Nos projetos de ciência cidadã, os voluntários colaboradores e aprendizes participam da coleta de dados e/ou da análise destes. Apesar das controvérsias que esta perspectiva possa abrir; apesar de ela não ser recente; ser bastante polêmica e muitos cientistas considerarem temerária a coleta e a análise de dados realizadas por pessoas não cientistas, propõe-se seu uso para a aproximação com a sociedade não ocorrer de modo a adular o compromisso da ciência com a busca incessante pela verdade. O envolvimento de leigos com a prática científica, ainda que não signifique uma iniciação à ciência, pode contribuir para fortalecer a noção da ciência como mediadora das práticas sociais.

É exatamente em face de um cenário que põe em xeque a validade do conhecimento científico que os pesquisadores, isolados em suas áreas temáticas ou atuando de modo interdisciplinar, precisam sair de suas bancadas de pesquisa para comunicar os resultados de seus trabalhos, como também compreender a desafiante relação existente entre ciência e sociedade, para não se furtarem do compromisso político que a atividade científica requer. Com base nesse horizonte, apresentamos o número um do segundo volume da Revista Nova Paideia, desejosos de ele ser o que Price veio a chamar de civilização científica ocidental.

Referências

BOURDIEU, P. **Razones prácticas**. Barcelona: Anagrama, 1997.

PRICE, D. de S. **A ciência desde a Babilônia**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia/Editora da Universidade de São Paulo, 1976.

SOARES, M. D.; SANTOS, R. D. C. Ciência cidadã: o envolvimento popular em atividades científicas. **Ciência Hoje**, v. 47, n. 281, p. 38-43, 2011. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/236952978_Ciencia_Cidada_o_envolvimento_popular_em_atividades_cientificas>. Acesso em: 24 jun. 2020.

ZIMAN, J. **O conhecimento confiável**. Campinas: Papirus, 1996.